



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Juiz Renato de Salles Abreu*

06/08/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Luís Soares de Mello Neto (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - Des. Renato de Salles Abreu Filho (filho do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. Eros Piceli (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador Renato de Salles Abreu, em continuidade à **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante**.

Com o intuito de manter vivos os grandes nomes da Magistratura, o Tribunal de Justiça de São Paulo realizou ontem (6) mais uma edição do projeto **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**. O homenageado da noite foi Renato de Salles Abreu, falecido em 1976, quando era juiz do 2º Tribunal de Alçada Civil.

Renato de Salles Abreu, que completaria 95 anos de idade em 2015, formou-se na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e iniciou sua carreira em 1955 como juiz substituto em Mogi Mirim.

A passagem dele pelo Judiciário foi marcante não só devido à destacada atuação e decisões proferidas, mas também por ter influenciado juízes e desembargadores que até hoje estão no Tribunal. Entre eles, podemos citar o desembargador **Luís Soares de Mello Neto**, da 4ª Câmara de Direito Criminal, que recebeu a incumbência de ser o orador da solenidade.

18 de janeiro de 1976.

Verão, calor, férias, todo um cenário propício a mais um dia feliz na vida de Renato de Salles Abreu, competentíssimo juiz do Tribunal de Alçada Civil.

Homem de luz, bonito, de muitíssimos amigos, bom humor contagiante, sempre alegre, divertido, verdadeiramente cativante. Um gentleman.

Eis que, numa daquelas surpresas desagradáveis e marcantes, uma peça que a vida prega em quem não mereceria, rouba-se de cena um homem jovem, muito jovem e ainda com muito futuro à frente com sua família magnífica e invejavelmente bem construída e constituída.

Dona Paulina, então e naqueles momentos que se seguiram, perdeu seu chão, perdeu seu mundo, perdeu o rumo e a alegria de viver, que residiria, dali para a frente e afortunadamente, na prole maravilhosa que ela constituíra com Renato.

Com esta família, Dona Paulina formou fileira para atravessar quaisquer tormentas que se seguiram à perda irreparável e doloridíssima do marido e pai queridos.

Deram-lhe ainda mais forte as mãos, seus filhos queridos, Luiz Antônio, o Ide, Renato Filho, o Renatinho, Clarindo, o Caco, e Maurício, o Joãozinho...

Teriam que seguir sem ele, o pai amado, mas com a memória e a base moral de sustentação e educação que ele, juntamente com Dona Paulina, transmitiram com toda segurança a todos os que viviam naquela família bem constituída e do bem, num bom apartamento bem ao lado do Shopping Iguatemi, que frequentei, em razão de minha velha e longeva amizade com o filho mais velho, Luiz Antônio, o Ide, desde os tempos dos bancos acadêmicos do Largo de São Francisco.

Amizade, aliás, que era uma espécie de continuação de um também longo relacionamento entre meu saudoso pai, que partiu recentissimamente, Luís Soares de Mello Junior, com Renato de Salles Abreu, também e desde os bancos acadêmicos da velha e sempre nova academia do Largo de São Francisco.

Veja-se que interessante.

O Largo de São Francisco uniu Renato de Salles Abreu, o Renato *Festinha*, e o Luís Soares de Mello Junior, o Lulu *Champagne*, que por sua vez geraram o Luiz Antônio de Salles Abreu, o Ide, e o Luís Soares de Mello Neto, o Luisinho - que aqui e hoje assume a fala.



Gravados os sustentáculos da origem da amizade, que sempre foram sólidos e continuam a sê-lo até os dias que correm, com a entrada no circuito do Renatinho, que também se transformou em juiz e meu grande amigo, o que se tem hoje e aqui é a felicidade, para mim, de falar de um pai de grandes amigos, que fora também grande amigo de meu querido pai.

Doutor Renato de Salles Abreu

Tragédia imensa com sua partida tão precoce.

Em casa, me lembro, foi também um choque, papai inconformado, como todos, vi-o chorar, literalmente, no jantar daquela noite, ao trazer o fato e a história da amizade de ambos.

Eu próprio, pouco tempo antes, havia avistado o Dr. Renato em sua própria casa, numa de minhas idas por ali, e outra vez, também próximo ao dia fatídico, sentado em uma viatura oficial do 1º Alçada, com seu indefectível cachimbo e, ao avistar-me ele em meu carro, subindo a Rebouças, acenou-me, o que considerei honroso, porque afinal era um magistrado, num carro oficial, fazendo sinal a um mero estagiário de direito, que lhe chamara atenção por uma buzina (ousadia, a minha...).

Afinal, quem era Renato de Salles Abreu.

Juiz, é verdade, o que lhe emprestava um respeito solene, que eu sempre mantive, mas uma pessoa *legal*, como se dizia e ainda hoje se diz, amigo de meu pai também.

Mas foi mais tarde, quando já eu amadurecido pela idade e pela profissão que abracei, como também seus filhos Ide e Renatinho, motivo de orgulho da mamãe Paulina e de seus outros dois irmãos, Caco e Joãozinho, que soube verdadeiramente quem houvera sido o Dr. Renato de Salles Abreu.

Como era, que espécie de juiz foi, como se comportava, como se relacionava com sua família e seus amigos, como foi visto pelos pares e pelos cidadãos das comarcas por onde andou, enfim.

Só e quando verdadeiramente conheci sua vida profissional é que pude, aí sim, aquilatar a qualidade de juiz extremamente marcante que possuía Renato de Salles Abreu.

Dr. Renato: se eu soubesse com profundidade o quanto o senhor era importante e quanto era amado por todos, quando lhe acenei na Avenida Rebouças, e soubesse que seria a última vez que o avistava, teria descido do carro, parado o trânsito, e faria uma tremenda festa, aplaudido e não propriamente e jamais apenas acenado a Vossa Excelência.

Era simplesmente amado e respeitadíssimo esse homem.

Amigo, verdadeiramente, de todos aqueles com quem se relacionava, e quanto a isso meu testemunho era pessoal, uma vez que meu pai o admirava profundamente, tem-se a certeza de que quando Dr. Renato se aproximava de um ambiente, era certeza de alegria.

Iniciou sua carreira em 1955, como juiz substituto em Mogi Mirim, dali promovido a São Joaquim da Barra, em agosto do mesmo ano. Nesta comarca fez história.

E história da boa.

Tanto que, para se ter uma ideia, meros dois anos após seu desaparecimento, o Fórum local de São Joaquim da Barra passou a ostentar seu próprio nome, **Fórum Doutor Renato de Salles Abreu**, numa mostra claríssima do quanto ele representou àquela comarca.

Em sua despedida dali, quando promovido a Jaboticabal, as palavras proferidas por **Carlos de Rezende Enout**, advogado local e avô do **desembargador Rodrigo Enout**, assim colocou a coisa, numa precisão terrível de ideias: “Por que se unem hoje todas as classes de nossa atividade para trazerem ao magistrado que nos deixa,



as suas despedidas? Porque ele se tornou também um dos nossos: vivendo, sentindo, pulsando com os corações, comungando com nossas aspirações, atuando com descortino e perfeita elevação de caráter e sentimento na sua alta missão de juiz, que o colocam ao lado dos mais ilustres magistrados de nosso Estado, penetrou profundamente na amizade e estima dos munícipes joaquinenses”.

De Jaboticabal, partiu para São Vicente e Franca (*aqui, tamanho o amor a seu nome e sua pessoa que possui até uma rua em sua homenagem*) e, finalmente, para a Capital, daí galgando degrau maior em Segundo Grau de Jurisdição.

E fui buscar nas palavras do eminente **desembargador José Carlos Ferreira de Oliveira**, verdadeiro ícone na magistratura, os subsídios para algum esboço daquilo que foi e representou na carreira este grande homem, por ocasião da homenagem póstuma que lhe foi prestada em Órgão Especial, nesta Egrégia Corte, aos 4 de fevereiro de 1976.

A precisão da colocação daquela fala, com um retrato verdadeiramente fiel a tudo quanto se escutava e se escuta de Renato de Salles Abreu, é de uma qualidade assustadora, por isso mesmo que vale a pena reproduzi-la em um trecho e fazer disso novo registro nos anais da Corte.

Renato de Salles Abreu foi, seguramente, um dos melhores e mais brilhantes magistrados daquilo que era considerada a nova geração de juízes.

Era, prossegue o Desembargador, “dotado de notável senso de responsabilidade no cumprimento de seus deveres e de equilíbrio na sua conduta particular, conquistou com naturalidade a simpatia, o respeito e a admiração da Família Forense e do povo em geral das comarcas em que serviu como magistrado, elevando e honrando sobremodo o conceito da Magistratura paulista”.

Assim aconteceu em São Joaquim da Barra, Jaboticabal, São Vicente, Franca e nesta Capital. Aqui foi titular da Vigésima Vara Criminal e da Terceira da Família e das Sucessões.

Elevado a juiz substituto de segunda instância, correspondeu plenamente ao que dele se esperava. Seus votos, sempre bem elaborados, impuseram-se pela lógica de sua argumentação e pelo alto senso de justiça de que se revestiam, reveladores de uma sólida cultura e notável equilíbrio.

Promovido por merecimento para o Egrégio Tribunal de Alçada Civil, em meados de setembro de 1971, ali permaneceu até a instalação do Egrégio Segundo Tribunal de Alçada Civil, para o qual se transferiu em dezembro de 1972.

Sua atuação na segunda instância foi sempre digna de aplausos e de admiração, verdadeiramente modelar pela sua operosidade e acurado discernimento das questões submetidas a seu julgamento.

Este o retrato fiel do magistrado exemplar e do colega excepcional que foi Renato de Salles Abreu, disposto sempre a ajudar os colegas mais jovens nas suas dificuldades e amarguras.

Como chefe de família, não conheci ninguém mais dedicado à esposa e aos quatro filhos. Suas preocupações, fora da Magistratura, giravam sempre em torno da família, que amava desveladamente. Foi um filho extraordinário para seus velhos pais, visitando-os diariamente para confortá-los em suas enfermidades e alegrá-los com a sua presença. Ainda ultimamente, em grave moléstia de seu progenitor, salvou-lhe a vida com a sua assistência diuturna.

Homem de intensa fé cristã, haurida no seu lar bem formado e revigorada no Colégio São Luís, Renato possuía virtudes que hoje vão rareando entre nós. Praticava verdadeira caridade cristã por atos e palavras, em todos os momentos em que se fazia oportuno.

“A atuação de Renato de Salles Abreu foi sempre digna de aplausos e de admiração, verdadeiramente modelar pela sua operosidade e acurado discernimento das questões submetidas a seu julgamento”, lembrou Luís Soares de Mello, cujo pai era grande amigo do homenageado.



Em nome da família falou o desembargador **Renato de Salles Abreu Filho**, presidente da Academia Paulista de Magistrados e filho do homenageado.

Senhor Presidente.

Em nome de minha mãe, de meus irmãos e em meu próprio, agradeço ao Presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, Des. José Renato Nalini, pela iniciativa de instituir a “**Agenda 150 anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça**”, homenageando vultos da magistratura do passado, bem como a de incluir entre os homenageados meu saudoso e inesquecível pai.

Sou, a toda evidência, suspeito para tecer qualquer consideração sobre o mérito da homenagem que ora lhe é prestada, mas sinto-me plenamente confortável para reafirmar sua total dedicação à magistratura paulista e a este Tribunal de Justiça.

Fora da magistratura, sua dedicação foi inteiramente voltada para a família, sem se afastar dos muitos amigos que conquistou.

Hoje, quando nos aproximamos de data em que completaria 95 anos de idade (11/11/1920) e próximo do 40º aniversário de seu falecimento (18/01/1976), revivemos com muita saudade a dedicação, o carinho e o amor que a todos nós dedicou, e o grande exemplo que nos deixou.

Agradeço a presença a esse ato de nossos parentes (alguns vindo de longe), de amigos da magistratura, de ontem e de hoje, do Ministério Público, da advocacia e de funcionários do Tribunal de Justiça.

Agradeço, por fim, Sr. Presidente, ao colega e amigo Luís Soares de Mello Neto, orador desta solenidade, pela generosidade de suas palavras, que tão bem retrataram a memória de meu pai, revelando, aos juízes de hoje, o juiz e o homem excepcional que ele foi.

A todos, muito obrigado.

Em nome do Tribunal falou o vice-presidente desembargador **Eros Piceli**. “Cada vez que os lembramos, cada vez que nos referimos a eles, estamos mantendo vivos os grandes magistrados”, disse.

Também participaram da solenidade o corregedor-geral da Justiça, desembargador Hamilton Elliot Akel; o presidente da Seção de Direito Privado, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Criminal, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o presidente da Magiscred, desembargador Heraldo de Oliveira Silva; a desembargadora Maria Olívia Pinto Esteves Alves; o juiz Luiz Antonio de Salles Abreu, filho do homenageado; os juízes assessores da Presidência, Maria de Fatima Pereira da Costa e Silva, Ricardo Felício Scaff e Fernando Awensztern Pavlovsky; o presidente do Instituto de Estudos de Protestos de Títulos do Brasil – Seção São Paulo, José Carlos Alves; o conselheiro federal da Ordem dos Advogados do Brasil, Aloísio Lacerda Medeiros, representando o presidente; a representante da Associação de Notários e Registradores do Estado de São Paulo e da Associação dos Registradores de Pessoas Naturais do Estado de São Paulo, Érica Barbosa e Silva; o chefe da Assessoria Policial Civil do TJSP, delegado Fábio Augusto Pinto; o chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; familiares do homenageado: Paulina Silveira de Salles Abreu (viúva), Clarindo de Salles Abreu (filho), as noras Ana Lúcia, Mônica, Kátia e Simone; os netos Laura e Eduardo; desembargadores, juízes e servidores.

